

# NOTA

Começo a receber do Rio os primeiros recortes de jornais contendo o noticiário sobre a morte de Antônio Sales.

Todos os grandes órgãos da imprensa carioca, sem discrepância, se ocuparam demoradamente do nosso maior homem de letras, depois de José de Alencar.

Penso desse modo. Que outros alimentem juízo diferente do meu.

Estão no seu direito.

Sales não foi somente um grande poeta. Foi, por igual, um grande romancista e um crítico honesto e atilado, que, para se tornar eminente, jamais necessitou de atacar seus confrades.

Há muita gente, no mundo das letras, que, não tendo valor ponderavel, faz barulho para ser notada. Não podendo construir obra própria valiosa, se ocupa em destruir a obra alheia, dela extraindo as passagens mais fracas, ou pondo em relevo somente os tópicos infelizes.

Sales, como era sobretudo um construtor, como tinha, de fato, muito valor, como a sua glória não diminuía com a glória dos outros, sempre adotou um critério otimista, notadamente sobre os novos.

Isso lhe valeu as restrições dos maus, ou, antes, dos que não possuíam a sua delicada formação moral, nem a fidalguia das suas atitudes literárias e privadas.

Foi, também, uma figura simpática das letras brasileiras.

Encantava os seus amigos e tinha para eles desvelos abnegados.

Em torno de sua obra literária e mesmo de sua personalidade, vozes se ergueram, como é humano, para tentar diminuí-lo, incomodadas, talvez, com as vitórias serenas que ele alcançou.

Nem todas as críticas terão, por certo, partido de espíritos credenciados pelos títulos de uma carreira cultural consolidada no tempo (que é um traidor profissional).

Sales cerrou os olhos aos 72 anos, sempre guardando a mesma indefectível compostura, que foi a linha mestra de sua vida social.

Mas deixemos que, sobre ele, mesmo ao calor da nossa saudade, alguns procurem arranhar-lhe a glória.

Para esses, eu teria as palavras de João Penha, quando, em uma tertúlia regada a vinho de Portugal, com Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro e Antero de Quental, ouviu, de uma voz, neófita e pedante, o ataque irreverente a Vitor Hugo.

Ante o silêncio da roda estupefacta, Penha, que era um idólatra do autor da "Legenda dos Séculos", encarou o irrefletido iconoclasta e lhe atirou o enérgico revide:

— Sabes, ó sacripanta, o que faz um cão diante da estátua de um grande homem? Alça a perna e humedece-lhe o pedestal . . .

D. (\*)

---

(\*) D., inicial de *Demócrito*, é como o acadêmico Demócrito Rocha, diretor do *Povo*, de Fortaleza, assina a sua seção denominada "Nota". Esta é do número de 23 de Novembro de 1940.